

Sobredotação:

Uma Realidade/Um Desafio

Helena Serra Fernandes*; Maria Clotilde Caleiro Mamede**; Teresa Maria Ferreira Barbosa de Sousa**

*Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti;** Ex-aluna da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
h.serra@esefrassinetti.pt

Conceito

Ao longo do tempo, o conceito de sobredotação tem sofrido uma evolução desde definições que confinam a sobredotação às habilidades cognitivas (QI), até definições mais alargadas que incluem múltiplas áreas de capacidade e actividade humana.

Uma das teorias mais respeitadas na actualidade vem do pesquisador americano Joseph Renzulli. O seu conceito fundamenta-se na integração de três anéis que ele denomina por “The three ring conception of giftedness” onde afirma que os portadores de altas habilidades possuem um conjunto constante de características que se mantêm estáveis ao longo de suas vidas: habilidade acima da média, alta criatividade e um grande envolvimento com as tarefas. A interação entre estes três agrupamentos básicos de traços humanos, em que cada um deles intervém na mesma medida, é que leva a uma realização superior. Assim, segundo Renzulli (1986), “as crianças sobredotadas ou talentosas são as que possuem ou são capazes de desenvolver este compósito de traços e aplicá-los a qualquer área potencialmente válida de desempenho humano”.

Monks (1992) inclui na teoria de Renzulli o processo dinâmico de desenvolvimento da personalidade e a influência do ambiente, da família, da escola e do grupo de pares, pois conforme sua opinião, a emergência e o desenvolvimento do potencial de sobredotação depende em grande medida de um ambiente motivador.

Howard Gardner (1995), pesquisador influente no campo do conhecimento humano, coloca em questão a noção de uma inteligência única, que pode ser avaliada por um único teste, e propõe uma nova teoria, segundo a qual toda pessoa nasce com um potencial para desenvolver múltiplas inteligências. A sua teoria sugere a existência de oito inteligências distintas, isto é, de oito distintas maneiras de perceber e conhecer o mundo: inteligência linguística; a lógica ou matemática; a cinestésica; a musical; a espacial; a interpessoal; a intra pessoal e a naturalista. Afirma também que cada inteligência é relativamente autónoma e independente das outras, embora possam combinar-se entre si numa multiplicidade de maneiras adaptativas, por indivíduos e culturas.

Não há dúvida de que existem, actualmente, várias definições de sobredotado, sem contudo haver um consenso universal,

prevalecendo na abordagem teórica a questão relativamente à sobredotação, como uma característica restrita a um domínio específico, ou então, como um atributo geral.

A par da evolução do conceito de sobredotação foram-se estabelecendo alguns mitos e ideias erróneas à volta da sobredotação. Essas crenças resultam da falta de informação acerca desta temática e têm permanecido até aos nossos dias, constituindo um dos entraves à provisão de condições educativas adequadas às necessidades específicas deste grupo de alunos.

Ellen Winner (1999) apresenta uma visão crítica de nove mitos: O PRIMEIRO MITO diz respeito à SOBREDOTAÇÃO GLOBAL. Na generalidade, pensa-se que as crianças sobredotadas possuem um potencial intelectual geral que lhes permite serem sobredotadas a todos os níveis académicos. No entanto, estas crianças podem apresentar características de sobredotação numa área e verdadeiras dificuldades noutra.

O SEGUNDO MITO refere-se à distinção entre TALENTOSOS E SOBREDOTADOS. Considera-se que não deverá existir esta distinção, pois as crianças sobredotadas no campo atlético ou artístico não apresentam diferença em relação às sobredotadas nos domínios académicos, no que diz respeito à precocidade, à insistência em se desenhilharem sozinhas e à enorme sede de conhecimento.

O TERCEIRO é o MITO do QI EXCEPCIONAL, ou seja, a sobredotação em qualquer domínio depende de um QI elevado. Na verdade as crianças podem ser extremamente sobredotadas para a música ou para a arte e não possuírem um QI global excepcional.

O QUARTO E QUINTO MITOS envolvem os FACTORES BIOLÓGICOS E AMBIENTAIS. O mito dominante apresenta a sobredotação como inteiramente inata, ignora a importante influência do meio no desenvolvimento das aptidões. Por outro lado, o mito de que a sobredotação é fruto de um treino intenso sugere que as crianças sobredotadas nascem com cérebros normais que são posteriormente moldados para se tornarem extraordinários. Esta posição rejeita o papel fundamental desempenhado pela biologia na determinação da existência ou não de um dom susceptível de ser desenvolvido pelo meio.

O SEXTO MITO assenta na QUESTÃO PARENTAL. Segundo Ellen Winner (1999), existem indivíduos que afirmam que os sobredotados são «fabricados» pelo impulsivo desejo de pais excessivamente zelosos com o sucesso dos filhos. Os pais não

criam os dons, embora o estímulo e o encorajamento por parte destes seja fundamental para que as crianças desenvolvessem os dons que já possuem.

O SÉTIMO MITO diz respeito aos MODELOS DE SAÚDE PSICOLÓGICA. Os psicólogos têm atribuído às crianças com QI elevado uma imagem de popularidade e de boa adaptação social, de carácter moral excepcional e modelos de saúde psicológica. No entanto, os sobredotados são, com frequência, crianças socialmente isoladas e infelizes, a não ser que encontrem outros sobredotados com quem possam conviver. Da mesma forma a ideia de criança sobredotada bem adaptada apenas se aplica aos casos de sobredotação moderada e dificilmente aos casos extremos de sobredotação.

OITAVO MITO diz respeito à questão defendida por muitos técnicos de educação que afirmam que TODAS AS CRIANÇAS SÃO SOBREDOTADAS. Este facto é preocupante, pois pode levar à tomada de posições inflexíveis contra a educação especial para crianças sobredotadas, privando-as do atendimento especial de que necessitam.

O último e NONO MITO refere a ideia generalizada de que UMA CRIANÇA SOBREDOTADA TORNAR-SE-Á NO FUTURO UM ADULTO PROEMINENTE E CRIADOR. As crianças sobredotadas acabam geralmente por se extinguir ou mudar para diferentes áreas de interesse, enquanto outras, apesar de muito bem sucedidas, nunca chegam a realizar nada de verdadeira-

mente criativo. São muito poucos os sobredotados que se tornam adultos proeminentes.

Características das Crianças Sobredotadas

Para falarmos de características das crianças sobredotadas temos que, necessariamente, pensar que é impossível apresentar uma listagem de características que abarque todas as possíveis e existentes, visto que as áreas de sobredotação são muito diversificadas e dentro de cada uma dessas áreas nem todas as crianças apresentam as mesmas características. A somar a isso temos o facto de que, possivelmente, algumas crianças tentam dissimular algumas das suas características, especialmente as que parecem ser desencorajadas pelo meio social que as envolve.

A falta de sintonia entre as características do sobredotado, as suas necessidades emocionais, sociais, cognitivas e educacionais e as condições oferecidas pela sociedade podem desencadear, no sobredotado, conflitos intra e interpessoais.

No quadro seguinte apresentamos algumas características e possíveis problemas do sobredotado:

Característica

Perfeccionismo
Altos padrões de desempenho
Preocupação excessiva em não errar
Auto-crítica excessiva
Super sensibilidade e senso de justiça
Ideias divergentes e atitudes não conformistas na escola

Problema

Medo crónico de desaprovação, crítica e rejeição
Insatisfação e infelicidade
Sentimentos de impotência, depressão e baixa auto-estima
Sentimentos de inferioridade, fracasso e culpa
Frustração por não ter recursos para solucionar os problemas da sociedade
Sub-rendimento escolar pois a escola pode não ser um ambiente receptivo

As suas características conferem-lhe um “estar em tarefa diferente” nos vários contextos com os quais se relaciona no seu quotidiano, podendo provocar efeitos negativos no seu desempenho académico, na sua relação com os pares e com os adultos.

Característica

Muito observador e aberto a coisas e situações inusuais e pouco correntes
Gosta de conceitos abstractos, de resolver os seus próprios problemas e tem uma forma de pensar muito independente
Tem muito interesse nas relações entre conceitos
É muito crítico com ele mesmo e com os outros
Desfruta criando e inventando novos caminhos para realizar algo
Tem uma grande capacidade de concentração, ignorando o que o rodeia quando está ocupado nas suas tarefas
Persiste com os seus próprios objectivos
Supersensível, necessita suporte de emocional
É energético e activo

Dificuldades

Possivelmente muito crédulo e confiante
Mostra grande resistência às instruções dos outros. Pode ser bastante desobediente
Dificuldades em aceitar o que não é lógico
Exige demasiado de si próprio e dos outros. Pode estar sempre insatisfeito
Obsessionado por criar e descobrir as coisas por si mesmo, não aceitará seguir o caminho habitual geralmente aceite
Resiste fortemente às interrupções
Pode ser muito rígido e inflexível
Precisa de ter êxito, vulnerável ao fracasso e à não aceitação dos outros
Sente-se frustrado com a inactividade ou a falta de progresso

Estudo de Caso

Escolhemos para esta investigação o *Estudo de Caso* por entendermos tratar-se da metodologia que mais fielmente nos permitiria estudar a situação concreta que pretendemos caracterizar.

De acordo com Ludke e André (1986), tratar-se-á de um estudo de caso do tipo observacional cujo objectivo pretende estudar um aspecto particular da escola – a resposta educativa da escola regular a uma criança com *necessidades educativas especiais* numa perspectiva de *Escola para Todos*.

Este método permite uma análise intensiva, em profundidade e amplitude, porque se pretende conhecer as diferentes manifestações do indivíduo. É um estudo qualitativo que permite uma compreensão profunda da vida do indivíduo, utilizando um conjunto diversificado de fontes (pais, professores e criança) e de técnicas, que nos presentes casos foram:

- Fichas de caracterização – meio, escola, turma e aluno;
- Ficha de triagem à escola;
- Grelha de avaliação de características comportamentais;
- Entrevista ao aluno;
- Questionários para o aluno e para os pais;
- Documentos sobre a avaliação psico-pedagógica do aluno;
- Observações;
- Leituras.

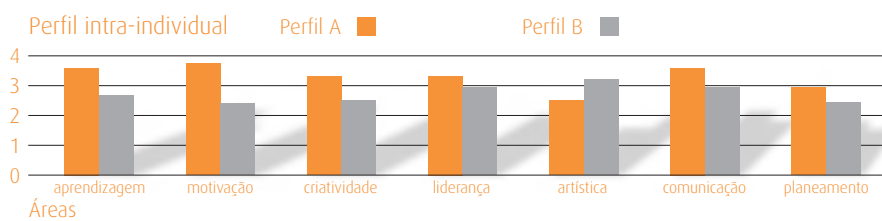
Após a análise da informação recolhida foi feita a triangulação dos dados fornecidos pelas várias fontes, a qual permitiu a elaboração do perfil intra-individual da criança. Esta análise obedeceu a determinados critérios:

- utilização da designação “categoria” e “indicador”, quando nos referimos à dimensão e características relativamente ao conceito de sobredotação;
- a observação/avaliação de indicadores cingiu-se a quatro níveis. O primeiro refere-se a “raramente ou nunca”, o segundo a “ocasionalmente”, o terceiro a “bastantes vezes” e o quarto a “quase sempre”.

Caso I

- D.; sexo masculino; 5 anos e 6 meses;
- Quando tem dúvidas faz consulta em livros para obter respostas; quando pede explicações exige respostas convincentes;
- Grande interesse por jogos matemáticos e informática;
- Lê imensos livros (História, Enciclopédias, Dicionários);
- Compõe histórias e poemas; faz listagens, escreve receitas e adora fazer palavras cruzadas e sopas de letras;
- Grande curiosidade intelectual e excelente memória;
- Motiva-se na realização de projectos intervindo com iniciativa, entusiasmo, originalidade, perseverança, atenção e concentração.

Foram encontrados dois perfis: um baseado na informação fornecida pela Educadora do Programa de Enriquecimento (Perfil A) e outro baseado na informação fornecida pela Educadora do Jardim de Infância (Perfil B).



Perfil A

- Vocabulário muito avançado, grande facilidade de expressão, objectividade e criatividade.
- Muito perspicaz e atento.
- Transforma facilmente a informação em conhecimento.
- Muita curiosidade.
- Compreensão rápida.
- Muito crítico.
- Muito persistente e minucioso na realização das suas tarefas.
- Independente.
- Capaz de planear, distribuir, organizar e avaliar as tarefas a que se propõe.
- Pouco crítico e seguro das suas ideias.
- Interesse por problemas sociais e do meio ambiente.
- Cooperante com crianças e adultos.
- Pouco desejo de produzir e pouca concentração em actividades artísticas.
- Grande sentido de humor e estético.
- Dificuldade em se adaptar a novas situações.

Perfil B

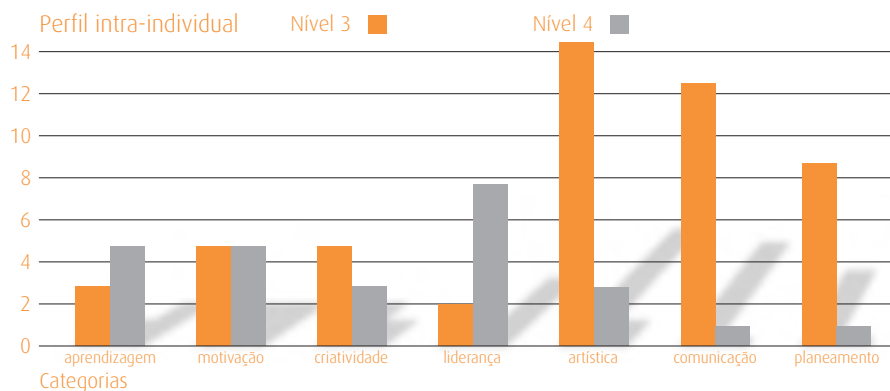
- Vocabulário muito avançado, pouca facilidade de expressão, objectividade e criatividade.
- Muito perspicaz e atento.
- Transforma alguma informação em conhecimento.
- Pouca curiosidade.
- Alguma dificuldade em seleccionar dados.
- Pouco crítico.
- Alguma persistência na realização das suas tarefas.
- Pouco independente e com pouca auto-iniciativa.
- Capaz de planear tarefas, mas com dificuldade em distribuí-las, organizá-las e avaliá-las.
- Pouco auto-crítico.
- Pouco interesse por problemas sociais.
- Não coopera muito com crianças e adultos.
- Grande desejo de produzir e muita concentração, criatividade e persistência em actividades artísticas.
- Algum sentido de humor e estético.
- Facilidade em se adaptar a novas situações.

Caso 2

Nome: J.P., sexo masculino, 10 anos, 4.º ano de escolaridade.

Apresenta: excelente realização académica, facilidade na resolução de situações problemáticas e é um bom comunicador.

Ambiente familiar: estimulante e enriquecedor.



- Independente em relação ao uso do saber;
- Capaz de transferir conhecimentos em diversas situações;
- Capaz de tomar atitudes e/ou decisões perante novos desafios;
- Nível académico:
 - Língua Portuguesa: com uma leitura fluente e expressiva, com compreensão e interpretação do que lê, com correcção ortográfica e sequência lógica na escrita;
 - Estudo do Meio: bom nível de conhecimentos, demonstrando vivências/experiências anteriormente vividas no seio familiar e que lhe possibilitam a mobilização e adaptação de saberes;
 - Matemática: a sua área preferida e aquela em que revela uma capacidade superior, capaz de explorar situações problemáticas, de encontrar novas soluções, de interpretar dados e de os questionar.
- Gosta da escola quer na sua vertente académica, quer na vertente social;
- Participa em todas as actividades, revelando o seu grau de satisfação em relação a cada uma delas;
- É uma criança que se relaciona facilmente com os pares, é selectivo nas amizades, mas não discrimina os outros;
- É uma criança extrovertida e meiga; é um companheiro sempre alerta para ajudar os outros;
- Tem sentido de justiça e reconhece as suas limitações;
- É capaz de opinar e defender as suas opiniões;
- Preocupa-se com temas actuais e está atento ao desenrolar das situações.

Conclusões

- A criança sobredotada necessita de contextos escolares e familiares enriquecidos e estimuladores, de forma a conseguir mostrar-se na sua plenitude e a poder explorar todas as suas potencialidades, desenvolvendo-as ao mais alto nível.
- Quando o atendimento não é eficaz no contexto escolar, cabe aos pais procurar alternativas noutra tipo de instituições em que os contextos educativos sejam enriquecidos, respondendo assim às necessidades educativas especiais da criança, de forma a que as suas capacidades não sejam estioladas.

- A formação adequada por parte de educadores e professores é urgente, para que a sua acção pedagógica promova estratégias capazes de dar resposta às necessidades educativas especiais das crianças sobredotadas.
- Para se fazer um atendimento eficaz a uma criança sobredotada é imprescindível uma efectiva articulação família/escola para que juntas partilhem experiências e se unam na procura de soluções adequadas para a resolução dos problemas que vão surgindo, apelando assim à inclusão e aceitação destas crianças.
- O poder governamental necessita definir medidas claras e precisas para a Sobredotação, capazes de garantir a todos o direito à educação e uma efectiva igualdade de oportunidades, no acesso e sucesso escolar, contribuindo assim para a construção de uma sociedade que respeita a diferença e a individualidade de cada um.

Principais Referências Bibliográficas

- ALENCAR, Eunice, (1986), *Psicologia e Educação do Sobredotado*, São Paulo, Editora Pedagógica Universitária (EPU).
- ALENCAR, Eunice, (2001), *Sobredotado: Determinantes, Educação e Ajustamento*, São Paulo, Editora Pedagógica Universitária (EPU).
- ALMEIDA, Leandro e outros, (2000), *O papel dos professores na identificação de crianças sobredotação: impacto de variáveis pessoais dos alunos na avaliação*, Vol. 1, n.º 1 e 2, Braga, ANEIS.
- ALMEIDA, Leandro e OLIVEIRA, Ema, (2000), *O papel dos professores na identificação dos alunos sobredotados*, in ALMEIDA, Leandro, et al., (Org.), *Alunos Sobredotados: Contributos Para a Sua Identificação e Apoio*, Braga, ANEIS.
- APCS, (1986), *Actas da I Conferência Portuguesa das Crianças Sobredotadas*, Porto, Edição do IDL e APCS.
- APCS, (1987), *Deixem-me passar! Orientação aos pais e professores de crianças sobredotadas*, Porto, APCS.
- BOAS, Conceição e PEIXOTO, Luís, (2003), *As crianças sobredotadas: Conceito, características, Intervenção Educativa*, Braga, Edições APOACDM de Braga.
- FREEMAN, Joan, (1993), *Emotional problems of the gifted child*. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*.
- GARDNER, Howard, (1995), *Inteligência Múltiplas: A teoria na prática*, Porto Alegre, Artes Médicas.
- GUENTHER, Zenita, (2000), *Desenvolver capacidades e talentos: Um conceito de inclusão*, Petrópolis, Editora Vozes.
- KIRK, Samuel e GALLAGHER, James, (2000), *Educação da criança excepcional*, São Paulo, Martins Fontes Editores.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, (1998), *Crianças e Jovens Sobredotadas: Intervenção Educativa*, Lisboa, Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.

NOVAES, Helena, (1979), *Desenvolvimento Psicológico do Superdotado*, São Paulo, Editora Atlas, S.A.

PEREIRA, Marcelino, (1998), *Crianças Sobredotadas: Estudos de caracterização*, Tese de Doutoramento em Psicologia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Coimbra, Universidade de Coimbra.

RODRIGUES, V. F., (1992), *Sobredotação e estilo de aprendizagem*, Trabalho de Investigação em Provas de Aptidão pedagógica e Capacidade Científica, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Lisboa, Universidade de Lisboa.

SERRA, Helena, (2000), *Projecto sábados diferentes: Um programa de apoio ao desenvolvimento pessoal e social de crianças sobredotadas*, in ALMEIDA, Leandro, et al., (Org.), *Alunos Sobredotados: Contributos Para a Sua Identificação e Apoio*, Braga, ANEIS.